



O Camponeses

ORGÃO DOS CAMPONESES DE PORTUGAL

TRABALHO E PÃO PARA OS DESEMPREGADOS

Companheiros, acabadas as ceifas e mais alguns trabalhos que se lhe seguem começa para nós, como acontece todos os anos, um período de dificuldades ainda maiores. De ano para ano a nossa situação tem-se vindo a agravar: enquanto noutros tempos nós conseguimos por altura das ceifas ganhar mais algum dinheiro, para pagar algumas das nossas dívidas e comprar alguma coisa de roupa, etc., agora muitos de nós nem por esta altura conseguimos já arranjar trabalho e quando arranjam mal ganhamos para remediar as nossas necessidades mais urgentes, porque as jornas são baixas e o custo da vida é cada vez mais elevado.

Nem os agrários nem o governo se interessam pela nossa situação, mas ao contrário, eles combinam-se para nos impor jornas de fome, e desemprego, como aconteceu há pouco, em que o governo a pedido dos agrários mandou paralisar as obras da Hidráulica Agrícola e os trabalhos em diversas obras públicas, como na estrada de S. Sebastião de Giesteira e outras: ou ainda atrasando o pagamento das nossas miseráveis jornas, como na estrada 381, próximo de Montoito, onde chegou a haver 4 semanas de atraso. Por sua vez os agrários resolveram, paralisar a maioria dos trabalhos um mês antes das ceifas começarem para que a fome nos desunisse e eles não pudessem explorar mais desumanamente.

Esta situação cada vez pior, indica-nos que precisamos de nos unir até conseguirmos trabalho para todos. Para isto devemos dirigir-nos todos às Casas do Povo, autoridades e agrários, e não arrancar-mos de lá sem que o trabalho esteja assegurado, não podemos fiar-nos em promessas pois não é com elas que nos damos de comer aos nossos filhos.

Ao mesmo tempo que precisamos de desenvolver acções para alcançar trabalho, também necessitamos que nos seja garantida uma jorna mínima que nos permita viver. Jornas como as que têm sido pagas pela J. A. E., Câmaras, etc., de 16 a 18\$00 não podem continuar, pois com elas não afastamos a fome dos nossos lares.

Muitas vezes vários deputados têm levantado na Assembleia Nacional a nossa situação desesperada, o governo até chegou a nomear uma Comissão de Obras Públicas, para o Alentejo, mas tudo isto se destina à propaganda e também a fazer-nos esperar. Enquanto se continuar a gastar tanto dinheiro em material de guerra a nossa situação pouco poderá melhorar, porque os melhoramentos locais tão necessários às populações não se farão.

GREVES E LUTAS DOS CEIFEIROS ALENTEJANOS

GREVE DE 3 DIAS EM VIANA DO ALENTEJO

Apesar de ameaçados de ficarem sem trabalho se fizessem praça e da G.N.R. ter tentado pela violência impedir que os ceifeiros e ceifeiras de VIANA lá se juntassem e combinassem a jorna a pedir, eles a tudo resistiram e ao fim de 3 dias de luta firme e decidida os agrários não tiveram outro remédio senão ir lá contratar o pessoal.

Esta vitória animou os valentes ceifeiros de VIANA do ALENTEJO que antes tinham ceifado a cevada a 20 e a 25.00 e permitiu-lhes conquistar 30\$00 na 1ª semana, depois os 35 e 40\$00 e 45 aos domingos.

Os operários agrícolas de VIANA, que antes pensavam não ser possível conquistar a praça de jornas por causa da repressão têm agora a experiência de que isso é possível e benéfico para os camponeses.

GREVE DE DUAS SEMANAS EM ALCÓRREGO

Na herdade do agrário João Correia um rancho de ceifeiros na sua maioria mulheres viram-se obrigados a fazer a greve por duas semanas por o agrário só querer dar 25\$00 aos homens e 16 às mulheres que pediam 35 e 25, acabando por conseguí-los.

Outro rancho de 12 mulheres e 4 homens que trabalhava para o agrário Manuel Pratas abandonaram o trabalho por ele não querer pagar os 35 e 25\$00.

Os ceifeiros de CABEÇÃO, num belo espírito de unidade recusaram-se a trabalhar para estes dois agrários por jornas inferiores às que pediam os nossos companheiros de ALCÓRREGOS. Aqui está um bom exemplo que nos mostra como é possível e necessária a unidade entre terras vizinhas.

JORNAS DE 50 E 55\$00 NAS ALCÁÇOVAS

Todos os anos os agrários estavam acostumados a contratar o pessoal para toda a ceifa por 1 conto e 600 e 1 conto e 800 o casal. Este ano os ceifeiros das ALCÁÇOVAS resolveram na sua maioria não aceitar contratos e lutar pela jorna de 80\$00. Devido à sua unidade conseguiram os 50 e 55\$00 com 45 na primeira semana, alcançando assim as jornas mais altas de todo o Alentejo. Esta bela vitória dos valentes ceifeiros das ALCÁÇOVAS, mostra mais uma vez que onde o pessoal luta e está unido é sempre possível alcançar melhor pago.

EM MOURA NIGUEM FOI DE EMPREITADA

Os ceifeiros e ceifeiras de MOU-

RA que já tinham ameaçado com empreitadas resolveram acabar com o trabalho nestas condições por verem que isso os prejudicava. Até mesmo aqueles que tinham conseguido empreitadas de 90\$00 o alqueire as recusaram mesmo apesar dos agrários lhes terem oferecido os 100.00.

Devido à sua firme atitude foram alcançadas jornas de 40 e 55.00.

GREVE DUMA SEMANA EM VAL DE VARGO

Para alcançarem uma jorna razoável, (40\$00) e resistir às jornas de fome oferecidas pelos agrários, os ceifeiros e ceifeiras de VALE DE VARGO recorreram à greve durante uma semana. Ainda que não conseguissem uma vitória completa a greve mostrou a disposição de luta e a unidade dos camponeses e alguns conseguiram os 40.00. Também por um agrário querer obrigar o pessoal a trabalhar 1 ou 2 horas a mais em cada meio dia, cerca de 100 ceifeiros abandonaram o trabalho.

OS CEIFEIROS DE BALEIZÃO FORAM À CASA DO POVO

Os ceifeiros de BALEIZÃO tinham arrancado 55.00 para homens e 20 para as mulheres na fava e na cevada e foram à praça pedindo a jorna de 40 e 25.00. Os agrários, que este ano meteram máquinas despediram todo o pessoal e mandaram vir a P.I.D.E e a GNR que prenderam alguns trabalhadores. Em resposta os ceifeiros de BALEIZÃO foram em massa à Casa do Povo e ao posto da GNR pedindo trabalho e a comparação do delegado do INT de Beja. Com uma grande luta conseguiram meio dia de trabalho durante toda a época das ceifas.

Isto já foi um bom resultado mas podíamos ter obrigado os agrários a dar a jornada inteira se nos recusássemos a largar ao fim do meio dia e trabalharmos sempre que trabalhassem as máquinas.

Nestas lutas as ceifeiras destacaram-se.

OUTRAS LUTAS

Em MONTEMOR-O-NOVO os ceifeiros pediram os 50\$00. Alguns conseguiram na primeira semana 35.00 com a promessa de 45 na segunda. No dia 10 de Junho os 40 camponeses que se concentraram na praça de jornas não souberam unir-se à volta dos 50.00 e foram pelos 40.

Por falta de unidade as jornas desceram ainda chegando a cair nos 30.00. Entretanto, as ceifeiras mantiveram-se sempre unidas à volta da jorna de dois terços da dos homens e conseguiram-no contra as ofertas dos agrários que apenas queriam pagar metade.

No ESCORAL os ceifeiros conseguiram a praça à 2ª feira e não aos sábados como queriam os agrários para levarem o pessoal a entregar ao nascer do sol à 2ª feira. Não houve a mesma unidade na luta pela jorna dos 40.00 pois alguns ranchos saíram a 30 e a 32.00. Mas os que ficaram firmes nos 40.00 não só os conseguiram como até fizeram com que os que tinham saído a 30.00 conseguissem os 35.

Em SERPA apesar das jornas terem começado a 18.00 na primeira semana e 25.00 na segunda os ceifeiros conseguiram os 30 e

A CRISE VINICOLA AGRAVA-SE

Está à porta a época das vindimas e com elas novas angústias e incertezas para todos os que vivem da viticultura, muito particularmente para os mais de 300 mil modestos vinhateiros cuja produção não ultrapassa as 5 pipas. A reportagem de «O CAMPONES» abordou um destes pequenos vinicultores do Ribatejo e procurou saber das suas preocupações e problemas.

— Bom dia! Então, boa colheita este ano?

O nosso entrevistado, o tio Joaquim, olhou-nos meio desconfiado, depois, uma ruga cavou-se-lhe na testa queimada do sol e ar de desalento pintou-se-lhe no rosto.

— É verdade, se até lá não houver azar estão aí umas boas seis pipas. Mas para que quero eu uma boa colheita se não tenho onde meter? Olhe, ainda ali tenho na adega quase todo o vinho da safra passada e não tenho vasilhame onde meter o que aí está na cepa nem sei como vendê-lo. O ano passado se quis arranjar algum dinheiro para o amanhã da vinha tive de desfazer-me do meu vinhinho a oito tostões. Este ano tenho estado a segurar-me mas se calhar lá vou outra vez despejar o vasilhame por uma miséria.

— Não é só você a queixar-se, tio Joaquim. Aqui bem perto, em RIO MAIOR, já há pequenos vinhateiros a desfazer-se do seu vinho a \$60 e \$70 ainda na cepa por não terem onde meter a produção deste ano. Só na área da Junta havia o ano passado nas adegas mais de 300 mil pipas por vender, ou seja mais 260.00 que na safra de 1954, e este ano a situação é ainda pior.

— Mas afinal quem é você e o que o traz por cá?

Dissemos ao tio Joaquim ao que famos e o que era o nosso jornal. — «O CAMPONES»... «O CAMPONES»... Bem, não conheço esse jornal, mas diga lá que os pequenos como eu arrastam uma vida desgraçada sem que o governo nos dê qualquer protecção.

A TAL «AJUDA» NÃO BATEU À MINHA PORTA!

— Mas, tio Joaquim, o governo o ano passado fez para aí uma barulheira dos diabos com a «ajuda» aos vinicultores?... Obrigou os armazénistas a recolher 1 milhão de hectolitros, criou um «Fundo» com a taxa de \$05 em litro sobre o consumidor, suspendeu o plantio de novas cepas e abriu um crédito à Junta Nacional de Vinho, tudo isso, dizia o Ministro, para ajudar o vinicultor...

— Pois olhe, a tal ajuda não bateu à minha porta nem à de muitos como eu que viram a sua situação agravar-se. O meu vinho ainda ali está quase todo na adega, do tal «fundo» não lhe vi a côr e ainda por cima tive de pagar 200 e tal escudos de multa por ter posto aí uns pezitos de baco para cobrir algumas cepas velhas que arranquei. Este ano se quis

ASSENTEMOS EM MELHORES JORNAS

para a ceifa do arroz

Seria bom que em cada terra, os ceifeiros do arroz tomassem a iniciativa de chegar à fala com todos os que costumam fazer esta ceifa, ou que se dispõem este ano a fazê-la, e assentar com eles qual a jorna que deve ser pedida.

Além de jornas mais de acordo com o custo de vida, nós devemos exigir também que nos trabalhos do arroz sejam fornecidos medicamentos para combater as febres, pois do contrário acabamos por gastar em remédios as magras jornas que vamos ganhar. Os agrários podem bem pagar pois esta cultura dá-lhes um grande lucro.

Como assinalava o nosso jornal «O Campones», em Outubro do ano passado, «25 hectares de terreno cultivados a arroz, dão pelo menos 150 contos de lucro», isto quer dizer, que mesmo que nos pagassem jorna a dobrar ainda ficavam com muito dinheiro!

O que se passou este ano na ceifa do trigo mostra que onde nós unimos vencemos à certa. Onde estamos desunidos os agrários pagam jorna arrastada e os nossos filhos têm mais fome.

Este ano a época das ceifas não correu muito de feição na Margem Esquerda do Guadiana.

Houve algumas faltas de entendimento e as jornas andaram pelos 35,00 e só em poucas casas foram até aos 40.

A reportagem de «O CAMPONES» resolveu ver no próprio sítio quais os motivos desses fracos resultados e aproveitou um ajuntamento de operários agrícolas da região para os ouvir.

— Então como foi isso este ano que quase não se conseguiu mais que os 35?

— É uma coisa que a agente nem chega a perceber. Estava tudo combinado para ninguém sair por menos de 40,00 para os homens e 25 para as mulheres. Tanto em PIAS como em VALE de VARGO e ALDEIA NOVA e até nas três terras juntas o povo reuniu-se mais de uma vez e tínhamos assentado que nenhum agrário levaria pessoal por jornas mais baixas. Estava tudo unido e disposto a lutar.

— Não é bem assim Manel. Já havia coisas que não estavam certas.

— Havia uns que queriam ir às empreitadas outros achavam que isso não era bom e no fim os agrários souberam aproveitar-se das nossas fraquezas.

— Pois sim, mas olha que o povo de VALE de VARGO e de ALDEIA NOVA mostraram que estavam unidos. Em VALE de VARGO ninguém arrancou durante uma semana pela jorna que os agrários queriam dar e em ALDEIA NOVA chegamos a juntar na praça quase 1000 ceifeiros e ceifeiras e não queríamos sair por menos dos 40,00. O Bartolomeu até chegou a ameaçar com ranchos de fora mas ninguém arredava pé. Mesmo o Macias com as empreitadas baixas e as máquinas não conseguiu quebrar a nossa unidade.

— Mas então como é que vocês, amigos, explicam o que se passou depois?

— Um camponês de meia idade que até aí se tinha mantido calado ergueu-se e disse, com uma cara contrafeita.

— As coisas começaram mal lá por PIAS. Houve muito pessoal que se agarrou de empreitadas. Andavam os solteiros para um lado, os casados para outro, havia muito dito e mexerico e isso só fez o jogo dos agrários.

— O mal foi que alguns ceifeiros começaram a aceitar as empreitadas por 300\$00 cada hectare e a ir com as jornas de 25 e 28,00. Depois o pessoal temeu-se de ficar em casa de braços parados e de estômago vazio e não subermos todos aguentar-nos como um só homem na jorna que tínhamos combinado com os nossos companheiros de VALE de VARGO e ALDEIA NOVA.

— Nem tu podes calcular Zé, como ficámos quando soubemos que em PIAS o pessoal estava a ir por jornas tão baixas. Aqui em ALDEIA NOVA resolvemos então ficar nos 35 para os homens e 22 para as mulheres, e ninguém saiu por menos. Até um rancho de mulheres que trabalhava já no Guanito com jornas mais baixas deixaram logo o trabalho quando 400 companheiras lá foram pedir-lhes para não ceifarem por menos dos 22. Este ano o pessoal de ALDEIA NOVA queria fazer melhor figura que o ano passado para mostrar ao povo de VALE de VARGO e PIAS que é fiável a unidade.

— Foi o diabo, Zé. Até lá em VALE de VARGO onde já se tinha conseguido jornas de 40,00 ficámos aborrecidos quando os ceifeiros de PIAS pegaram nas empreitadas da herdade de Braçujinos, que 40 homens já tinham recusado, e do dr. Galhardo que tinha despedido 18 ceifeiros lá da terra.

greves e lutas...

(vem da 1ª pág.)

35,00 nas semanas seguintes. Os ceifeiros de SANTA IRIA para não prejudicarem os seus companheiros de SERPA recusaram jornas mais baixas que os 30,00, o que é um belo exemplo de unidade entre terras vizinhas.

Em SOBRAL DA ADIÇA os ceifeiros recusaram as empreitadas e depois de alguns dias de greve conseguiram os 35,00 na cavada. Depois afrouxaram a sua unidade e logo as jornas caíram chegando alguns agrários a pagar 25,00.

Em SAFARA os agrários este ano meteram máquinas deixando os camponeses sem trabalho. 40 destes juntaram-se na casa do Povo forçando o presidente a arranjar-lhes trabalho.

Em S. JOÃO de NEGRILHOS os agrários Faia e Lampreias deram jornas de 16 e 18\$00 comidos e empreitadas em que roubavam descaradamente os ceifeiros.

Um rancho de algarvios, contratados a tanto por molo, vendo-se roubados com uma jorna de 10\$00 abandonaram o trabalho ao fim de 12 dias conseguiram-se jornas de 38\$00 secos e 21 comidos. Todas estas lutas mostram que onde houve unidade, onde os ceifeiros souberam recorrer à greve e lutar com firmeza contra a exploração dos agrários.

Aonde não soubemos fazer a unidade as jornas caíram e muitos ficaram sem trabalho.

Sabemos que em certos locais do Ribatejo se conseguiram jornas altas. Em SAMORA as mulheres conseguiram 35,00 e os homens, aqui, em ALFIARÇA e em ALMEIRIM, chegaram a conseguir jornas de 60,00. No próximo número de «O CAMPONES» daremos estas notícias com mais pormenores.

— Afinal, ó Manel, está-me cá a parecer que estamos a atirar culpas para cima do povo de PIAS quando também nas nossas terras podíamos ter feito muito mais do que fizemos.

— Tens razão. O povo de PIAS é igual ao de VALE de VARGO, de ALDEIA NOVA, de BALEIZÃO e de todo o Alentejo. Tem sido até um exemplo de luta para nós todos. A nossa falta de unidade só aproveitou aos grandes agrários. Em vez de estarmos para aqui a chamarmos nomes uns aos outros temos é de fazer uma unidade mais forte, combinarmos melhor os coisas e não deixarmos que os ditos e mexericos enfraqueçam as nossas forças.

— Muito bem dito, amigo! O Zé com um novo brilho no olhar estendeu-nos a sua mão franca e calosa.

— Diga lá no nosso jornal que os ceifeiros da Margem Esquerda do Guadiana hão-de dar novas provas da sua unidade. A gente saberá aprender com os maus passos e com maior firmeza haveremos de arranjar um pouco mais de pão para os nossos filhos.



vamos lá
conversar
o Zé!

— Ora até que te encontro, Zé! Tenho cá umas tantas a perguntar-te e agora não te largo.

— Então qual é hoje a tua apoquentação, Tóino?
— É por causa dessa coisa das máquinas que outro dia me diseste. Para mim foi coisa de admirar o que ouvi da tua boca. Isso de dizeres que as máquinas são nossas amigas mas que agora devemos lutar contra os agrários que as põem a trabalhar, não tem assim lá muito jeito.

— É verdade, Tóino, as máquinas são amigas dos camponeses. A gente não sofre só das jornas arrastadas e da falta de trabalho. Sofremos também da forma como os agrários nos obrigam a trabalhar. Porque é que o teu sogro anda meio curvado para a terra? Porque é que tu e eu na força da vida, já sentimos às vezes umas dores danadas nos rins? É por andarmos de sol a sol em cima da foicinha ou da enxada.

— Tens razão Zé, ou então enterrados na água até aos joelhos nos arrozais...

— Pois olha, hoje há máquinas que fazem a ceifa, debulham e enfardam ao mesmo tempo, charruas mecânicas que fazem at uma lavra num ar e há países onde novas máquinas estão a ser postas ao serviço dos camponeses e a libertá-los dos trabalhos mais pesados. Vê lá, até algumas sementeiras são feitas de avião!

— Cá, os aviões são para semear a morte...

— Nesses países a máquina é um bem. Sabes porquê, Tóino? Porque a terra é de quem a trabalha e não há uns tantos a explorar a miséria camponesa. Na União Soviética, na China Popular, na Polónia e nas outras Democracias Populares, a reforma agrária democrática deu a terra aos camponeses e o Estado popular ajuda-os com máquinas, sementes, etc. Só na União Soviética a agricultura recebeu em 1954 1955 404 mil tractores, 83 mil ceifeiras-debulhadoras, 228 mil camiões e outro material, isto só em dois anos!

— Olha que se isso fosse cá era uma desgraça, Zé. Outro dia o dr. Ferrão ameaçou que ia pôr este ano 6 ceifadeiras a colher o cereal e se não fosse a nossa unidade ficávamos muitos sem trabalho nas ceifas.

— Af está, Tóino, porque eu dizia que era preciso lutar contra os agrários que utilizam as máquinas para atirar com os operários agrícolas para o desemprego. É que no nosso país a terra está na posse de meia dúzia de grandes agrários e o Estado é um governo deles que lhes dá toda a ajuda para explorar mais os camponeses. Se agora só trabalhamos 3 meses no ano o que aconteceria se eles metessem máquinas?

— Então, queres tu dizer que os nossos inimigos não são as máquinas mas os grandes agrários e o governo?

— Isso mesmo, Tóino. Nós somos amigos das máquinas, o nosso país precisa delas para sair do grande atraso agrícola em que se encontra. Mas queremos uma Reforma Agrária democrática que dê a terra a quem a trabalha. Só assim as máquinas não serão utilizadas contra os que da terra ganham o seu pão e serão um benefício para todo o povo.

— Bom, parece que agora já estou a perceber melhor. Obrigadinho ó Zé!

A CRISE VINICOLA...

(continuação da 1ª página)

sulfatar a vinha e pagar a quem me ajudou tive de pedir emprestado a 15%, e não sei como respeitar os meus compromissos se não vender o que aí tenho na adega e na cepa. Ainda se eu pudesse vender livremente o meu vinho... Até me arrepelo todo só de lembrar-me que o povo bebe aí o vinho a 2\$80 quando podia beber mais e mais barato e eu ter uma compensação dos meus trabalhos e ceifas. Veja lá que nem sequer posso escolher o armazenista para negociar o meu vinho! Tem de ser aquele que a Junta manda.

A CRISE NÃO É DE PRODUÇÃO A MAIS MAS DE COSUMO A MENOS!

— Mas, ó tio Joaquim, os homens do governo e certos deputados dizem que a crise do vinho é devido a produzir-se mais do que se consome e a exportar-se cada vez menos...

— Não acredite, meu amigo! A crise não é de produção a mais mas de consumo aménio! Se todos pudessem beber vinho não haveria crise. Mas como pode o povo beber vinho se ganha uma miséria e os ladrões da organização corporativa levam a melhor parte do preço? O governo em vez de tomar medidas para alargar o consumo ainda criou a tal taxa de \$05 encarecendo-o ainda mais.

— É verdade, tio Joaquim. Se os quase seis milhões de portugueses com mais de 14 anos de idade pudessem beber todos os dias ao menos 4 decilitros de vinho toda a nossa produção se esgotaria. E se alguma sobrasse seria fácil colocá-la vantajosamente nos mercados estrangeiros desde que o governo estabelecesse relações comerciais com todos os países onde seria possível colocar muito do nosso vinho em condições favoráveis. A crise do vinho

só acaba, tio Joaquim, quando o povo ganhar jornas, salários e ordenados suficientes, quando os produtores de vinho puderem vendê-lo livremente sem a intervenção ruinosa da Junta e dos Grémios, quando os vinicultores, principalmente os pequenos como você, puderem renovar e aumentar as suas vinhas e obter créditos fáceis e baratos para o amanho das suas fazendas e quando o governo permitir comerciar livremente com todos os países.

PODEMOS MUDAR TAL SORTE

— Pois é, mas como posso eu, modesto vinhateiro, fazer mudar esta sorte?

— Então dissémos ao tio Joaquim que ele e todos os modestos vinhateiros podiam mudar tal sorte. Um homem sózinho não pode fazer nada mas todos juntos podem fazer tudo. Contámos-lhe como estão fazendo os pequenos e médios vinhateiros de UL, NOGUEIRA do CRAVO, OLIVEIRA de AZEITEIS e MACIEIRA DE SARNES que se juntaram e já recolheram milhares de assinaturas para reclamar ao governo contra a intimação da Junta para arrancarrem as suas vinhas.

— É verdade, gente valente essa de BIBA de UL, MACINHATA do VOUGA e NOGUEIRA do CRAVO que em 1943 fez frente à GNR e não deixou que lhes arrancassem as suas vinhas.

— Pois é assim, tio Joaquim, que agora poderemos obrigar o governo a tomar medidas que aliviem a situação dos pequenos e médios vinhateiros. O ano passado milhares de vinicultores levaram o governo a dar um pouco de atenção aos seus difíceis problemas, muito embora as medidas tomadas não tivessem resolvido ainda que pouco a sua afilivada situação.

Este ano é preciso mais unidade, mais energia e mais decisão, tio Joaquim, e não se esqueça que «O CAMPONES» é o seu jornal e que está sempre ao seu dispor.

— Bom dia e boa sorte, tio Joaquim!

O POVO RECORDA três heróis

No dia 19 de Maio fez 2 anos que o miserável assassino Carrajola roubou a vida à nossa valente CATARINA EUFEMIA. Este dia foi recordado pelos camponeses e camponesas e alguns locais a sua memória foi lembrada com grande carinho.

Em BALEIZÃO, apesar da GNR ter ocupado a povoação e o cemitério de Quintos com forças a cavalo que nem a família deixaram visitar, muita gente foi a casa da família de CATARINA acarinhar os seus filhos e lembrar a querida morta.

Corca de 130 camponeses e camponesas da margem esquerda do Guadiana juntaram-se, fizeram uma campá simbólica, juncada da flores com o retrato de CATARINA e falaram do seu heroico sacrifício, reclamando o castigo do assassino Carrajola, Um



ALFREDO LIMA

grupo de camponeses reuniram-se e deixaram uma coroa de flores com um dístico alusivo a CATARINA num marco da estrada. Em várias casas destas localidades foi feita a «santa cruz» com flores silvestres e o retrato de CATARINA que foram visitadas por muita gente.

Em muitos ranchos foram feitos minutos de silêncio e camponeses falaram da nossa saudosa CATARINA EUFEMIA.

No dia 9 de Junho, data em que fez 11 anos de assassinado GERMANO VIDIGAL, torturado até à morte pelos assassinos da PIDE, muita gente foi em pie-lôsa romagem à sua campá, limpam-na das ervas e falaram do seu nobre exemplo.

Também no dia 4 de Junho, 6º aniversário do jovem ALFREDO LIMA, de Alpiarça, a sua memória foi sentidamente lembrada. Uma faixa negra com a inscrição «RUA de ALFREDO LIMA» foi colocada numa das ruas principais de Alpiarça e ali se conservou 3 dias.

Os nossos heróis vivem nos nossos corações e os seus assassinos receberão um dia o castigo que merecem.